

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EDVANIA MIRELY ALVES DOS SANTOS

**SOFRIMENTO PSÍQUICO ENFRENTADOS POR MÃES SOLO QUE NÃO
TEM REDE DE APOIO**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

EDVANIA MIRELY ALVES DOS SANTOS

**SOFRIMENTO PSÍQUICO ENFRENTADOS POR MÃES SOLO QUE NÃO
TEM REDE DE APOIO**

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Larissa Maria
Linard Ramalho

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2022

EDVANIA MIRELY ALVES DOS SANTOS

**SOFRIMENTO PSÍQUICO ENFRENTADOS POR MÃES SOLO QUE NÃO
TEM REDE DE APOIO**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 27/06/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Larissa Maria Linard Ramalho

Membro: Prof. Me. Jéssica Queiroga de Oliveira/UNILEÃO

Membro: Prof. Me. Joel Lima Junior/UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2022

SOFRIMENTO PSÍQUICO ENFRENTADOS POR MÃES SOLO QUE NÃO TEM REDE DE APOIO

Edvânia Mirely Alves dos Santos¹
Larissa Maria Linard Ramalho²

RESUMO

Este estudo trata-se de revisão bibliográfica acerca do sofrimento psíquico enfrentado por mães que não possuem redes de apoio, onde procurou-se compreender como estas se sentem frente as responsabilidades e atribuições que precisam desempenhar sozinhas, assim como nas situações de vivências no meio social. Para tanto, utilizou-se o carácter qualitativo exploratório escolhida de forma a conduzir as pesquisas bibliográficas com base nos artigos dos últimos anos. Utilizando como base de pesquisa Pepsic, Scielo. As pesquisas encontradas serviram de base para firmar o resultado enfrentado por estas mães solos em deficiência na saúde mental configurado pela falta da rede de apoio. Os serviços de saúde ainda não estão operando de forma a olhar e cuidar da integridade dessas mães solo. Percebeu-se que as mães solo sofrem vulnerabilidade social, econômica, como também passaram pela violência doméstica, conjugal, pela exclusão e abandono dos pais e da família. Entretanto, é notável que o apoio, a participação dos familiares e da sociedade em geral contribui e favorece na melhoria da autoestima e no método de desenvolvimento da aceitação do tratamento para o bem-estar pessoal. Conclui-se que devam implantar mecanismos de prevenção e cuidados para as mães em sofrimento psíquico principalmente nos primeiros anos de vida da criança com a colaboração das políticas públicas na adoção de estratégias eficazes para o cuidado tanto na saúde mental quanto no amparo a estas mães solos. **Palavras-chave:** Saúde Mental. Mães Solo. Gênero. Redes de Apoio. Políticas Públicas

ABSTRACT

This study is a literature review about the psychological suffering faced by mothers who do not have support networks, where we tried to understand how they feel about the responsibilities and attributions that they need to perform alone, as well as in situations of experiences in the social environment.. For that, we used a qualitative approach chosen in order to conduct the bibliographic research. The research found served as a basis to establish the result faced by these single mothers in mental health deficiency configured by the lack of the support network. Health services are still not operating in a way that looks at and takes care of the integrity of these single mothers. It was noticed that single mothers suffer social and economic vulnerability, as well as experience domestic and marital violence, exclusion and abandonment of parents and family. However, it is notable that the support, the participation of family members and society in general contributes and favors the improvement of self-esteem and the method of developing acceptance of treatment for personal well-being. It is concluded that prevention and care mechanisms should be implemented for mothers in psychological distress, especially in the first years of the child's life, with the collaboration of public policies in the

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: edvaniamirely22@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: larissaramalho@leaosampaio.edu.br

adoption of effective strategies for care both in mental health and in the support of these single mothers

Keywords: Mental health. Solo Mothers. Support Networks. Public policy.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de estudar sobre tal tema se deu a partir de uma experiência vivida no estágio em ênfase I, oferecido pela faculdade para termos experiências educacionais que agreguem no nosso aprendizado, para que como futuros profissionais estejamos capacitados para lidarmos com casos semelhantes. Nesse estágio a estudante se deparou com um número relevantes de mães solas que não tem essa rede de apoio e se veem sem uma alternativa que não causem sofrimento a elas e seus filhos.

Tendo como objetivo geral, analisar como as dificuldades enfrentadas por essas mães afetam sua saúde mental e como objetivos específicos, evidenciar como a desigualdade de gênero e a desigualdade social influenciam na vida dessa mãe solo, como a rede de apoio é importante para que essa mãe possa exercer seu papel de forma saudável.

Sabendo que a mãe é uma figura de muita importância na vida do filho e para seu desenvolvimento, ela exerce vários papéis dentro da vida dessa criança, como o de mãe, educadora e muitas vezes de pai, daí a importância da rede de apoio para que ela possa desenvolver seu papel na conjuntura de promover o conforto e o bem-estar para esta família que acabou de construir, fica essa mãe sem o suporte necessário para fornecer o conforto e uma vida saudável.

A expressão mãe solo é utilizada para identificar mulheres que criam os filhos sozinhas, como uma tentativa de desconstruir a definição pejorativa e relacionada ao estado civil que até pouco tempo atrás era denominado mãe-solteira, ou seja, tal referência estava ligada a relação conjugal, tratada sob a visão de controle social, onde a maternidade era vista como elemento de subjugação da mulher em relação ao homem, influenciadas pela sociedade patriarcal (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019).

Neste sentido buscar-se-á através deste estudo, contribuir para à reflexão para o apoio e a criação de ações tanto na saúde como na sociedade em geral, capazes de pôr em ênfase a integralidade, garantia de saúde física e psíquica da mãe que não tem rede de apoio em sofrimento psíquico.

2 METODOLOGIA

Este estudo aborda uma pesquisa bibliográfica, que é a investigação em material teórico sobre o assunto de interesse (Alyrio, 2009). E assim analisar as vivências e as dificuldades enfrentadas por mães solo que não possuem uma rede de apoio, o qual foi desenvolvido a partir da compreensão de que as dificuldades enfrentadas pelas mães solo podem afetar a saúde mental, dessa forma, utilizou-se a metodologia de caráter exploratório “que tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere” (Piovesan e Temporini, 1995). Composta por uma revisão bibliográfica acerca do tema “ Sofrimento psíquico enfrentados por mães solas que não tem rede de apoio” a fim de explorar os aspectos e dificuldades que contribuem para esses sofrimentos.

O tema foi explorado através de leituras de artigos via Google Acadêmico, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO) dando ênfase aos mais recentes, a fim de fazer uma pesquisa ativa sobre os objetivos descritos acima.. Na busca foram usados como descritores: mães solas; a sobrecarga da mãe solo; as dificuldades enfrentadas pela mãe solo.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, pois os dados não são mensuráveis, foi realizada uma verificação de forma genérica e apreciação de textos, é também descritiva, uma vez que apresenta uma exposição buscando encontrar uma possível precisão sobre as ocorrentes situações do sofrimento psíquico enfrentados por mães solas.

Durante todo o percurso da elaboração deste trabalho, procurou-se enfatizar as experiências vividas e todo conhecimento adquirido, foram muitos desafios, inseguranças e períodos de incertezas no desenvolver, principalmente no momento vivido nos últimos anos pela minha pessoa que pude sentir na pele toda a dinâmica de ser mãe cursando uma faculdade com um filho pequeno e diante de uma pandemia tão atípica a qual precisamos estar preparados para qualquer situação adversa.

3 CONTEXTUALIZANDO GÊNERO E DESIGUALDADES DE GÊNERO E SOCIAL

Gênero a partir da concepção de (Toledo, 2001) a princípio se trata de feminino e masculino, onde são considerados o seu desenvolvimento histórico, as suas vivências, a partir das construções culturais provenientes das diferenças sexuais existentes entre homens e mulheres. Assim, trazendo pouca relação com sexo, e mostrando mais relação com as classes sociais. E a partir dessa estrutura central que as relações, ideologias de gênero e construções culturais se formam. Assim, a construção simbólica acontece a partir da transformação profunda

e duradoura dos corpos, e usando a diferenciação legítima e sobretudo dos corpos, de forma a excluir o pensamento de que tudo que caracteriza pertence ao gênero. (CARVALHO, 2021)

Na sociedade atual a mulher exerce vários papéis importantes, atuando como uma das bases que sustentam a sociedade. A mulher enquanto ser sociável tem como principal atividade o lar, os filhos, o marido e o trabalho, onde depois de muita luta ela conseguiu seu espaço no mercado de trabalho. (LOPES, ZANON, BOECKEL. 2014)

Foi a partir da década de 60 que a mulher começou a lutar pelo o direito e o espaço de trabalhar fora. No Brasil, o primeiro passo para a criação de normas de proteção ao trabalho da mulher foi em 1912, que não foi aprovado, porém, somente a Constituição de 1988 conseguiu agir uma reforma completa. Porém apesar dos avanços, ainda hoje os salários dos homens continuam mais altos que os das mulheres. A luta pela igualdade de direito e também pelo seu direito de escolha, seja para escolha de ser mãe, de ser dona de casa, ou qualquer outro querer ainda continua em evidência. As feministas passaram a usar a palavra gênero para organizar socialmente as relações entre os sexos. (GUEDES, 1995)

Assim, não foi em meio ao nada que a mulher ainda se vê reduzida a um só papel, o de ser mãe. Além de ser colocada na posição de frágil e indefesa. Ainda assim, podemos englobar o ideal e o real de ser mãe. É preciso romper com o modelo materno ideal imposto pela cultura vigente, que exclui a possibilidade da coexistência de sentimentos ambivalentes na relação da mãe com o bebê. Ser mãe implica em momentos de alegria, mas igualmente em momentos de dor, tristeza e muitas vezes arrependimento. Desde a revolução feminista e a inserção da mulher no mercado de trabalho, a mesma vem, gradativamente, aprendendo a conviver com a maternidade associada à culpa (AZEVEDO, 2017)

A essa mulher, como cita Azevedo (2017), há uma exigência a uma dedicação integral a esse filho e, não obstante a isso, também é esperado um amor incondicional a esse filho que acaba de chegar em meio a inúmeras mudanças. Em meio a tantas expectativas, nota-se a presença de um ideal de mãe, intrinsecamente relacionado a ser ou não uma boa mãe mediante da aceitação social, nesse meio tempo, aparece questões subjetivas, sentimento de impotência, medo, dúvida e até mesmo raiva. E para a mãe solo, muitas vezes existe esse desejo, de ideal de mãe, mas para ela se torna cada vez mais distante, pois a mesma tem que escolher ser uma mãe presente, a mãe que ela sonha ser, ou trabalhar para sustentar o filho e a ela mesma, pois não tem rede de apoio, não tem marido e muitas vezes o pai negligência e não exerce seu papel.

E quando essa mãe não tem rede de apoio se torna cada vez mais desafiador, pois essas precisam deixar seus filhos em creches e muitas vezes esses filhos recebem o mínimo de suporte emocional para lidar com a separação precoce da mãe, mesmo que seja por apenas um turno,

ainda pode-se citar o sentimento de culpa que são expressos por elas, pois precisam se ausentar da criação dos seus filhos por um tempo para trabalhar e suprir outras necessidades dos mesmos. (LEITÃO E PEREIRA, 2020)

Segundo Teixeira (2010, p. 255) “na modernidade, a igualdade não pode ser compreendida como um princípio uniformizador que postule reduzir toda a desigualdade entre as pessoas do seu modo de vida”. Assim, pode-se afirmar que com a contemporaneidade os desafios das mulheres só aumentaram, pois além de as tarefas domésticas, com a oportunidade de trabalhar fora de casa, a sobrecarga aumentou e para essas mães solas, ainda mais, pois as mesmas não tem com quem dividir essa carga, por não ter uma rede de apoio suficiente para suprir essa demanda, tendo assim que recorrer a creches e cuidadores particulares. Cabe aqui destacar que o acolhimento é totalmente condicional e que se você não é a mulher que tentar dar conta de tudo, e esse tudo inclui trabalhar; estudar e ser mãe acabam sendo invalidadas. Conforme destaca Scavone (2001) o advento da modernidade e de suas conquistas tecnológicas, sobretudo no campo da contracepção, e mais recentemente da concepção, trouxe às mulheres uma maior possibilidade na escolha da maternidade e abriu espaço para criação do dilema de ser ou não ser mãe. Com isso, pode-se dizer que a mulher passou a poder escolher quando e quantos filhos quer ter através da medicação e de uma forma legalizada, pois muitas vezes as mulheres “tiravam” o bebê, ou seja, abortavam e com isso acabava muitas vezes perdendo a vida. Ainda hoje no Brasil o índice de morte por aborto em clínicas clandestinas e por medicamentos é muito alto, pois por não ser legalizado, não ter um suporte adequado e se ver sozinha nesse momento, ver essa como a saída mais fácil.

Trazendo a questão religiosa, aos olhos da igreja a mulher deve servir a família e enquanto família temos: o marido e os filhos. E com isso os afazeres domésticos. Quando essa mulher não casava as tarefas que eram de sua mãe passava a ser dividida com ela, as responsabilidades da casa, e cuidar dos pais na velhice e dos irmãos na falta precoce da mãe. (ARTEIRO, 2017)

No contexto onde os pais são casados e acontece a separação ainda assim muitas vezes a mãe fica responsável pelos filhos, e toda uma responsabilidade de seu futuro. A mãe se ver em uma situação muitas vezes desafiadora e com o impasse, pois terá que transformar toda sua vida, pois antes podia contar financeiramente, socialmente e emocionalmente. (LEITÃO E PEREIRA, 2020)

Como exposto por Leitão e Pereira (2020, p. 6) “no caso dos pais, o que se vê é uma tendência ao afastamento do núcleo familiar, e, no caso das mães, uma tendência a uma maior aproximação, associada ao acúmulo de atribuições”. Isso ocorre por que é as mães que estão

mais diariamente no convívio com os filhos, de modo que antes com o marido e a rede de apoio proveniente do mesmo, ela teria um suporte onde ela consegue atender suas necessidades.

4 MATERNAGEM E REDE DE APOIO

O primeiro período da maternagem começa a partir da descoberta da gravidez, quando a mesma não é planejada surgem várias indagações em relação a gravidez, essa mãe passa a se perguntar se realmente está preparada para lidar com tal situação, e tenta entender como e o porquê de ter acontecido com ela. (PICCININI, GOMES, NARDI, LOPES, 2008).

A depender do contexto em que essa mulher está inserida, ela pode não contar com todo o apoio informal, necessário para lidar com os sentimentos, e transformações biológicas, que ocorrem durante todo o processo da gravidez. Sendo esse apoio informal a família e o(a) cônjuge(SIMAS, SOUZA,COMIN, 2013).

Quando não existe esse desejo de ser mãe, a mulher passa a ser julgada pela sociedade, pois desde os primórdios da humanidade a mulher tinha o dever de gerar o filho e obrigação com os afazeres domésticos. Azevedo (2017) aponta que essas mulheres nem sempre estão preparadas e muitas vezes não em o desejo de ser mãe. E direciona o olhar para essa anormalidade, sentido esse que se faz pensar sob a ótica dos sentimentos de insatisfação sentidos pelas mães e mulheres e nesse sentido é necessário repensar sobre a posição que reforça do mito do amor materno e como ele se perpetua na vida da progenitora. O mito do amor materno foi pensado a partir da visão psicanalítica por meio do ideal criado sob o sujeito e também cabe citar as idealizações e frustrações envolvidas nesse meio.

Como citado por Borsa (2008) “historicamente, o papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher, caminho da plenitude e realização da feminilidade, associado a um sentido de renúncia e sacrifícios prazerosos”. Já quando existe o desejo de ser mãe o processo de aceitação e o desenrolar da maternidade se torna uma questão prazerosa e mais fácil e assim também, como quando o ambiente é acolhedor e existe a rede de apoio.

Considerando o que destaca Pereira e Leitão (2020) “o ambiente facilitador do desenvolvimento deve ser capaz de reconhecer e atender às necessidades do indivíduo”. Ou seja, quando o ambiente é propício para essa gravidez a mãe consegue ter uma gestação saudável e mais prazerosa e com isso também terá um puerpério mais tranquilo e poderá suprir as suas necessidades enquanto mãe e mulher e também a do seu bebê que durante um bom tempo será dependente dessa mãe. E assim conceituando puerpério: O puerpério, tempo de seis a oito semanas após o parto, didaticamente, pode ser dividido em três períodos, sendo: imediato

(1º ao 10º dia), tardio (11º ao 45º dia) e remoto (a partir do 45º dia). Onde ocorrem modificações internas e externas, configurando-se como um período carregado de transformações psíquicas, onde a mulher continua a precisar de cuidado e proteção (ANDRADE, SANTOS, MAIA E MELLO, p.182).

Segundo Boras (2008) se faz possível observar que essas imposições feitas de forma direta à mulher não aconteceram em meio ao nada, biologicamente essa mulher foi ensinada que sua pré-determinação seria o gestar, a visão de uma mulher com o caráter reprodutivo é semeado desde os tempos primitivos, onde a mesma era vista como o elemento que iria dispor de cuidado a prole, domesticação, cuidado dos filhos e marido, onde em controvérsia, estaria o marido dispondo de suas responsabilidades e cumprindo atividades interligadas a força e velocidade.

No contexto onde os pais são casados e acontece a separação ainda assim muitas vezes a mãe fica responsável pelos filhos, e toda uma responsabilidade de seu futuro. Quando essa mãe ainda tem essa rede de apoio se torna mais acessível para suprir todas as necessidades dos que estão envolvidos nesse ambiente. Essa rede de apoio fornece segurança e o acolhimento necessários para que a mãe possa exercer a sua função de um modo denominado por Winnicott como “suficientemente bom”. Esse ambiente favorável à mulher para o exercício da maternidade é importante não apenas na fase mais primitiva da vida do bebê, mas, também, ao longo do desenvolvimento infantil (PEREIRE E LEITÃO, 2020).

Com isso pode-se dizer que a mulher que se separa do (a) cônjuge e que tem filhos, tem as responsabilidades aumentada, pois passará a ser sozinha para tudo. Onde ela se via de alguma forma com um suporte. Como cita Winnicott, o ambiente psicossocial da mãe tem como função principal oferecer-lhe as condições necessárias para o exercício do seu papel parental. E assim essa rede apoio se torna ainda mais relevante quando, por algum motivo, a mãe se encontra sozinha. E nessa fase delicada, além da criança, a mãe precisa ser amparada pelo ambiente, uma vez que ela também se constitui como um ser que demanda cuidado e auxílio (WINNICOTT apud PEREIRA E LEITÃO, 2020, p.8).

5 SOFRIMENTO PSÍQUICO E ALTERNATIVAS DE CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL

A família é a instituição mais antiga da sociedade, pois foi a primeira que surgiu no mundo, sendo essa, a família nuclear que é constituída pelo pai, mãe e filhos. (Birman 2007, mas com o passar do tempo essa família sofreu alterações, e essas alterações receberam novas

denominações, dentre estas as famílias monoparentais, que é constituída apenas por um dos pais e os filhos, sendo a maioria dessas famílias monoparentais formadas por mães e seus filhos. A família é o lugar onde que o indivíduo pode encontrar segurança emocional e material, é nela que as pessoas vivenciam as primeiras emoções dos relacionamentos interpessoais. As lembranças vivenciadas nesse ambiente são capazes de ocasionar memórias positivas como também recordações que lhes causem sentimento de frustração, medo e desespero (FERNANDES; 2022,).

Tem se tornado cada vez mais comum na sociedade atual a formação de famílias monoparental, principalmente aquelas compostas por mães e filhos, sem a figura masculina. Nesses lares o comando da casa é da mulher, que não tem relação conjugal, e por isso assumem uma postura de mãe solo. (GALVÃO 2020)

Portanto, a utilização do termo mãe solo surgiu como forma de buscar a emancipação e independência, rompendo com essa relação de submissão vinculada a relação conjugal, onde a mulher deixa de ser submissa ao cônjuge e assume o comando sobre sua família, formada por mães e filhos. Essas mães solo assumem essa postura por muitos motivos, sejam eles: abandono do parceiro (a) a família, viuvez, separação, ou mesmo por escolha, através dos métodos de reprodução assistida ou adoção. (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019).

Corroborando com isso, Galvão (2020) destaca que mulheres mães solo, compõem uma numerosa realidade no Brasil, seja por meio de uma maternidade voluntária e planejada como a adoção unilateral ou por técnicas reprodutivas, seja por questões socioculturais como o abandono ou a omissão paterna, construindo novas formas de constituição de família, sem a necessidade de estar em uma relação conjuga.

Galvão (2020) evidencia a crescente formação desse modelo de família denominado monoparental, onde a mãe é a única responsável pelo lar e pelos filhos, o que exige uma sobrecarga de trabalho e responsabilidades as quais nem sempre é possível dar conta sozinha, e isso pode afetar diferentes problemas físicos e psicológicos que podem comprometer a sua saúde e bem-estar.

Considerando isso, cabe destacar o que afirma Fernandes (2022) essas mulheres, que são chamadas de mães solo, cuidam de seus filhos sozinhas e como consequência tem uma grande carga de estresse em suas vidas em decorrência da sobrecarga dos afazeres, que muitas vezes são oriundos das questões financeiras e dos momentos de solidão e abandono em que se encontram em relação às demais mulheres que são casadas ou que têm uma rede de apoio.

Como exposto acima, Fernandes (2022) as famílias monoparentais em sua maioria tem a mãe como único responsável pelo lar, e as cobranças atreladas às diversas

responsabilidades envolvidas no caso das mães solo contribuem para que essas mulheres desenvolvam problemas principalmente emocionais, tendo em vista a constante carga de estresse diária, principalmente nos casos em que não há rede de apoio e esse suporte emocional para conseguir lidar com todos esses afazeres.

Essa sobrecarga resultante da acumulação de vários papéis desempenhados pelas mães solo faz com que vivenciem maior conflito, situações de estresse e tensão que afetam a sua saúde mental, principalmente ocasionados pela necessidade de se desdobrarem para manter o desempenho da vida profissional e os cuidados com os filhos, caracterizando-se uma situação de dupla jornada de trabalho e de responsabilidades, que pode afetar o seu bem-estar, tornando-as mais suscetíveis a desenvolver conflitos psicológicos, perturbações afetivas, marcadas pela baixa autoestima, as frustrações, fragilidades, os medos e anseios, considerando a vulnerabilidade socioeconômica e emocional a que estão expostas, o que contribui para elevar a busca pelos serviços de saúde mental (BALIANA, 2013).

Isso ocorre devido aos múltiplos papéis que as mulheres precisam desempenhar quando estão em situação de mãe solo, pois além de cuidar e educar os filhos precisa dar conta também de garantir os meios de subsistência para à sua família, ou seja, além de cuidar dos filhos exercem também jornada de trabalho muitas vezes intensa e desgastante. (MACÊDO, 2020.)

Esse adoecimento ocorre quando esse ambiente psicossocial, não oferece condições necessárias para o exercício do seu papel de mãe solo, devido as intensas cargas de trabalho, aliadas as de cunho emocional, financeiro, afetivo (PEREIRA E LEITÃO, 2020). Devido a não dispor de uma rede de apoio acabam sobrecarregadas, e conseqüentemente não conseguem atender as demandas do próprio cuidado, assim como o da maternagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, observa-se que são múltiplos os fatores e contextos relacionados a vivência das mães solo, sem a existência de uma rede de apoio. O desempenho desses diferentes papéis traz uma sobrecarga de trabalho, e pode acarretar também problemas psicológicos, traumas e perturbações que colocam a sua saúde em risco.

A dedicação em exercer a função de mãe, pai, os cuidados domésticos e o trabalho faz com que essas mulheres mães solo acabem não tendo condições de se cuidar, e isso conseqüentemente aumenta a busca por serviços de saúde, necessitando de cuidados e atenção. Dentre os principais sentimentos relacionados podem ser citados: a baixa autoestima, o sentimento de abandono, medo, frustrações, angústias, solidão, que podem levar ao

desenvolvimento de problemas psicológicos.

Pode-se constatar que algumas mães vivem à margem da vulnerabilidade social e econômica, que não recebem apoio e proteção das quais elas necessitam, desenvolvendo sentimento de insegurança e desamparo. Essa é uma problemática que precisa ser solucionada, como forma de oferecer cuidados psicossociais e atenção as demandas emergentes principalmente relacionadas a desigualdade e exclusão social.

Com isso, observa-se a importância de que essas mães solo tenham mais visibilidade social, no sentido de receber amparo, desenvolver políticas públicas e estratégias capazes de oferecer apoio e assistência, a partir de um contexto preventivo e terapêutico eficaz, onde estas se sintam acolhidas, e que sejam ofertadas condições favoráveis para a superação dos seus conflitos, oferecendo psicoterapia, formando uma rede de proteção não somente no campo da saúde, mas também social.

REFERÊNCIAS

ALYRIO, Rovigati Danilo **Métodos E Técnicas De Pesquisa**. Disponível em: <http://www.faculdaderaizes.edu.br/files/images/M%C3%89TODOS%20E%20T%C3%89CNICAS%20DE%20PESQUISA>. Acesso em: 16 de junho de 2022.

ANDRADE, R. D; Santos, J. S; Maia, M.A.C; Mello, D.F.de; **Fatores relacionados à saúde da mulher no puerpério e repercussões na saúde da criança**. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/ean/a/TJB8nBkghyFybLgFLK7XMpv/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20puerp%C3%A9rio%2C%20tempo%20de%20seis,partir%20do%2045%C2%BA%20dia\)1](https://www.scielo.br/j/ean/a/TJB8nBkghyFybLgFLK7XMpv/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20puerp%C3%A9rio%2C%20tempo%20de%20seis,partir%20do%2045%C2%BA%20dia)1). Acesso em: 13 de junho de 2022.

ARTERO, Isabela Lemos. A mulher e a maternidade: **um exercício de reinvenção**. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/973/5/isabela_lemos_arteiro_ribeiro_lins. Acesso em: 10 de junho de 2022

AZEVEDO, R.A.D. "Amo meu filho, mas odeio ser mãe": **Reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea, 2017**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163940/001025591.pdf?sequence=1&>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

BALIANA, L.K. **Monoparentalidade feminina e seus desafios: um estudo exploratório** (2013). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade de Lisboa (Dissertação Mestrado). Disponível em: <https://fronteirasxxi.pt/wp-content/uploads/2020/01/Monoparentalidade-feminina-e-os-seus-desafios.pdf> Acesso em: 05 junho 2022.

BIRMAN, J. **Laços e desenlaces na contemporaneidade**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100004. Acesso em: 13 de maio de 2022.

BORSA, J.C. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão.** Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419>. Acesso em: 10 de abril de 2022

CARVALHO, M. E. P. De. **Pierre Bourdieu Sobre Gênero E Educação.** Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/download/2364/2068/3578>. Acesso em 01 de junho 2022.

CORREIA, M.O.G.; BIONDE, P. **Uma leitura marxista do trabalho doméstico.** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/346001/mod_resource/content/0/uma-leitura-marxista-do-trabalho-domestic. Acesso em: 20 de maio de 2022

FERNANDES, P.S. **Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo.** (2022) Universidade Estadual Paulista (Dissertação Mestrado). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/234377> Acesso em: 09 junho. 2022.

GALVÃO, L.B. Mãe solteira não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade.** n. 1 (maio.2020). Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872/21118> Acesso em: 03 junho 2022.

GUEDES, M.E.F. **Gênero 0 que é isso?** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/np6zGkghWLVbmLtdj3McywJ/?lang=pt>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

LOPES, M. N.; ZANON, L.L.D.; BOECKEL. **A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018. Acesso em: 08 de junho de 2022

MACÊDO, S. **Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos** http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012. Acesso em: 17 de maio de 2022

PEREIRA, V.B.; LEITÃO, H.A.L. **Sobrecarga e rede de apoio: a experiência da maternidade depois da separação conjugal** http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000100014#:~:text=Constatou%2Dse%20que%20o%20principal,no%20exerc%C3%ADcio%20da%20fun%C3%A7%C3%A3o%20parental. Acesso em: 09 de junho de 2022.
 PICCININI, C.A; GOMES, A.G; NARDI, T.D; LOPES, R.S. **Gestação e a constituição da maternidade.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/dmBvk536qGWLgSf4HPTPg6f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de junho de 2022.

PIOVESAN, Armando; Temporini, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública** Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=pdf&lang=pt#:~:text=o%20estudo%20de%20fatores%20humanos%20no%20campo%20da%20sa%C3%BAde%20p%C3%BAblica,-Exploratory%20research%3A%20a&text=Prop%C3%B5e%2Dse%20procedimento%20meto>

do% C3%B3gico% 20de,de% 20pesquisa% 20adequado% 20% C3%A0% 20realidade. Acesso em: 16 de junho 2022.

SALVARO, G.I.J.; GALVANE, F.A.S.; MARIANO, P. **Trabalho feminino, desigualdades de gênero e formas de subjetivação no setor de serviços no Brasil.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2016000200007. Acesso em: 12 de abril de 2022

SCAVONE, Lucila. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/NzTkJJrXYGPHDZ3sQRbR9tc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de março de 2022.

SILVA, C.G.; CASSIANO, K.K.; CORDEIRO, D.F. **Mãe solo, feminismo e Instagram: análise descritiva utilizando mineração de dados** (2019). Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia – GO. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0561-1.pdf> Acesso em: 08 junho de 2022.

SIMAS, F.B; SOUZA, L.V.E; COMIN, F.S. **significados da gravidez e da maternidade: discurso de primíparas e múltiparas.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100002. Acesso em: 30 de junho de 2022.

SIMAS, F.B; SOUZA, L.V.E; COMIN, F.S. **significados da gravidez e da maternidade: discurso de primíparas e múltiparas.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100002. Acesso em: 30 de junho de 2022.

TEIXEIRA, D.V. **Desigualdade De Gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1808-24322010000100012>. Acesso em: 21 de abril de 2022.